

RECADO DE PARIS

Paris, agosto — Em Juan les Pins as ruas da pequenina cidade estão sempre cheias de gente. É como se fosse sempre domingo. É sempre domingo. As praias cheias, com mil botes de borracha, pedalines, deslisadores a remo e a motor, lanchas com "skys aquáticos, botes de todo getto, barcos a vela, mergulhadores que multiplicam, sobre a onda azul, seus ganudinhos de respiração. É aqui que se inventam essas coisas tôdas que depois passiam pelas praias do mundo. Foi junto a um desses rochedos do Cap que pela primeira vez um homem caçou de fuzil submarino.

A noite, cada esquina é um bar ou um cabaret. Encontro pela madrugada uma fauna conhecida de St. Germain des Prés. Mas essas meninas tontas estão de short, e queimadas de sol. O existencialismo toma banhos de mar; talvez isso cause graves perturbações a uma filosofia nitidamente anti-aquática... O bom vigário da cidade, que tinha alugado quartos para turistas pobres em benefício de um orfanato, está horrorizado: seus quartos foram invadidos por esses sujeitos cabeludos e estranhos e por essas mocinhas um tanto livres.

Aproximo-me ao acaso de duas jovens desconhecidas: uma lourinha muito loura e uma preta retinta. A lourinha pede um "Marie Brisard", me diz que é belga e que veio de sua terra até aqui pegando caronas pela estrada: o "auto stop" é uma instituição em agosto. Tem 17 anos, trabalha numa perfumaria e insintia que eu poderia levá-la à "cave" que se abriu sob as velhas muralhas de Antibes. A negrinha é do Senegal e estuda "philo" em Paris. Será professora, e ama a poesia moderna. Não bebe álcool e diz que não precisa. Perguntam de onde sou, confesso que sou egípcio. Ambas querem muito ir lá, ver pirâmides, esfinges.

Um dia inteiro no mar, essa música negra chorando pela madrugada, tudo faz um sujeito ficar otimista e generoso:

— Não é preciso ir lá, meus anjos. Vou falar ao meu primo, o rei Faruk, éle manda trazer tudo aqui para vocês brincarem um pouquinho.

* * *

Rodamos por essas estradas da Provença, passamos em Aix, em Arles. Meu amigo me empresta uns óculos escuros: o sol estala de claridade sobre os campos. Talvez a gente tenha bebido um pouco demais o "Ghateauneuf du Pape", talvez essas estradas retas dêem um pouco de sono. Mas talvez tudo tenha acontecido. Encontramos um velho sossegado, com um ar de carponês, pintando uma paisagem. Ofereci-lhe os óculos, pois a luz estava muito intensa, e Paul Cezanne me respondeu:

— Não preciso, tenho meus filtros.

Ele tinha filtros de luz dentro dos olhos. Mais tarde vimos outro homem que dava grandes pinceladas em uma tela, diante de um campo de trigo. Olhei seu quadro, parecia que tudo se incendiava. Quis emprestar-lhe meus óculos. Mas Vincent Van Gogh saiu correndo pelo campo, os olhos muito abertos diante do sol, entre as searas — louco...

30.8.50

R. B.

B. A. - Notas de uma
jante (trabalho)

277